



## **Para compreender o protagonismo social na construção do telejornalismo em rede<sup>1</sup>**

Otávio José Klein<sup>2</sup>  
Universidade de Passo Fundo - RS

### **Resumo:**

O texto trata de uma formulação teórica a partir do conceito de dispositivo telejornalístico. Visa contribuir na pesquisa em andamento que busca entender as transformações que ocorrem nas informações que circulam no interior de uma rede de televisão no sul do Brasil. Neste texto em específico buscamos compreender o processo produtivo na emissora do interior e na rede, organizando os espaços produtivos, bem como, refletir sobre o protagonismo dos diferentes sujeitos no processo de produção. Finalizamos o texto formulando hipóteses com vistas à comparação do protagonismo dos sujeitos nos diferentes espaços produtivos.

Palavras-chave: telejornalismo; rede; espaços de produção; protagonismo.

### **Introdução**

O presente texto apresenta uma proposta teórica para compreender o protagonismo de sujeitos sociais na construção do telejornalismo. Trata-se de uma pesquisa em andamento na Universidade de Passo Fundo, a partir dos produtos telejornalísticos, sobre o processo de construção de reportagens no telejornalismo da Rede Brasil Sul de Televisão no Rio Grande do Sul. A perspectiva teórica é a do dispositivo telejornalístico, que serviu de base teórica em estudos anteriores.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) de São Leopoldo – RS/Brasil. Professor nos cursos de Comunicação Social da Universidade de Passo Fundo – RS e pesquisador na linha de pesquisa em comunicação regional.



Buscamos compreender, neste texto, do ponto de vista teórico, o processo de construção de reportagens da RBS TV em uma das emissoras (afiliadas) do interior do estado e também veiculadas na rede de televisão no Rio Grande do Sul. A pesquisa é um estudo comparativo a partir dos produtos.

A coleta do material da amostra ocorreu num processo de gravação de todas as edições dos três principais telejornais diários da rede<sup>3</sup>, a partir da veiculação de uma das afiliadas (Passo Fundo), entre 16 de junho e 15 de julho de 2008. A gravação dos telejornais revelou que no espaço local da emissora afiliada de Passo Fundo, no período de um mês, foram veiculadas 246 inserções<sup>4</sup> (reportagens e notas) enquanto que na rede, a partir da central de Porto Alegre, foram veiculadas 1.008 inserções. Para a análise em questão interessam somente as 10 pautas/matérias que figuram entre as inserções locais e também entre as inserções em nível estadual. Três delas se referem a trânsito, três são da editoria geral (religião, meio ambiente e hospital), duas são sobre movimentos sociais e duas da editoria de polícia/judiciário. São relativamente poucas, por ser a RBS TV de Passo Fundo, uma das afiliadas que abrange a região com o maior número de municípios do Rio Grande do Sul. Em parte, isso deveu-se a três fatores. O primeiro deles é que a coleta foi realizada no período de frio em que a serra gaúcha, que não integra a região de Passo Fundo, passa a ter um destaque midiático por ser destino de muitos turistas. Nesta ocasião a rede desloca para a região uma equipe de telejornalismo que produzi e veicula diariamente informações em todos os telejornais. Outro fator foi a promulgação da “lei seca” e o grande número de reportagens sobre as conseqüências de sua aplicação para os motoristas e a sociedade. O terceiro fator foi o destaque que a editoria de esportes teve nos telejornais durante o mês da coleta. Nesta época a RBS TV cobre diariamente os clubes que participam dos campeonatos de futebol em nível nacional na séria A, B e C, Taça Libertadores e o campeonato estadual de futsal. Além disso, a emissora cobria, na época, os preparativos dos atletas gaúchos para as olimpíadas na China.

Das 10 reportagens foi constituída a amostra de cinco reportagens, a partir de cinco temas, evitando repetições: da temática sobre movimento social integrou a amostra aquela do Movimento dos Sem Terra (MST) sendo despejado de uma área de terra próxima à Fazenda Coqueiros; o segundo tema contemplado é da editoria

---

<sup>3</sup> Bom dia Rio Grande, no amanhecer; Jornal do Almoço, ao meio dia; e RBS Notícias, no final da tarde.

<sup>4</sup> A emissora local possui 11 minutos diários para veiculação de programação jornalística. O restante da programação da rede é de produção própria e da Rede Globo a qual ela é filiada.



polícia/judiciário com a reportagem sobre o Júri de Adriano da Silva em Soledade; na temática da religião, faz parte da amostra a matéria denominada Cavalgada da Fé que conduz uma imagem de São Miguel Arcanjo para a cidade de Passo Fundo; o quarto tema é trânsito e a reportagem diz respeito às condições da rodovia RS 324; o último tema é meio ambiente cuja matéria fala sobre a plantação de árvore por ocasião do nascimento de crianças.

Acontecimento	Data	Programa local	↔	Data	Programa em rede
1. Despejo do MST em Coqueiros do Sul	17/06	Jornal do Almoço	→	17/06	Jornal do Almoço
2. Despejo do MST em Coqueiros do Sul*	17/06	RBS Notícias	→	17/06	RBS Notícias
3. Júri – Adriano da Silva	18/06	Jornal do Almoço	→	18/06	Jornal do Almoço
4. Júri – Adriano da Silva*	18/06	RBS Notícias	→	18/06	RBS Notícias
5. Acidente em Boa Vista do Sul	19/06	Jornal do Almoço	→	20/06	RBS Notícias
6. Cavalgada da Fé – São Miguel*	23/06	<b>Jornal do Almoço</b>	←	<b>23/06</b>	<b>Bom Dia R. Grande</b>
7. Hospital (HSVP) – CTI pediátrica	24/06	<b>Jornal do Almoço</b>	←	<b>24/06</b>	<b>Bom Dia R. Grande</b>
8. Acidente em rodovia - Ernestina	25/06	<b>Jornal do Almoço</b>	←	<b>25/06</b>	<b>Bom Dia R. Grande</b>
9. RS 324, P. Fundo e R. Alta – precária*	08/07	RBS Notícias	→	09/07	Bom Dia R. Grande
10. Plantação de árvore – Casca*	09/07	Jornal do Almoço	→	11/07	Bom Dia R. Grande

\* Amostra da pesquisa

Quadro 1 – Universo das reportagens da RBS TV de Passo Fundo que foram veiculadas na RBS TV em rede, para o Rio Grande do Sul, no período de 16/06 a 15/07 de 2008.

O dispositivo jornalístico é multidimensional<sup>5</sup> e opera em diferentes espaços onde atuam múltiplos sujeitos (KLEIN, 2008). No nosso entender o conceito de dispositivo possui um potencial explicativo e permite analisar os processos midiáticos e jornalísticos na perspectiva de uma complexidade que vai além das rotinas produtivas preconizados pela teoria do *newsmaking*.

O presente texto explicita num primeiro momento, os espaços de produção das notícias, para depois versar sobre a produção do telejornalismo em rede e posteriormente compreender o conceito de protagonismo e algumas hipóteses de trabalho.

<sup>5</sup> A perspectiva teórica do dispositivo estão implicadas diversas dimensões (técnico-tecnológica, socioantropológica e semiolinguística), que podem ser compreendidas como condições de produção midiática e, é da relação destas dimensões que emergem os produtos televisivos (KLEIN, 2007).



## 1. Espaços de produção

Visando compreender a atuação dos diferentes agentes que de alguma forma participam na produção do telejornalismo buscamos nessa sessão compreender a produção do material telejornalístico como resultado de um processo que ocorre em diferentes lugares ou espaços. Um estudo pioneiro sobre este olhar do processo produtivo foi feito por Fouquier e Verón (1985) na França, em que eles dizem, que o processo ocorre em quatro espaços diferentes: *l'espace-monde*; *l'espace-parcours*; *l'espace-charniere*; e *l'espace-canal*. Eles referiam-se não ao telejornalismo em si, mas a um programa telejornalístico, tipo revista, onde há a participação de um condutor, debatedores (especialistas) e reportagens externas construídas anteriormente. Esta construção analítica foi por nós adaptada para a análise da produção telejornalística, especialmente às reportagens (KLEIN, 2008).

O “espaço-mundo” é o *topos* dos acontecimentos que se localiza fora da instituição midiática, ou seja, em lugares diferentes dos seus espaços internos, especialmente do estúdio. Ali operam, destacadamente, os sujeitos envolvidos no acontecimento, porém, quando ingressam neste espaço os agentes da instituição midiática para realizar a cobertura, eles interferem, tornando-se também operadores neste espaço. Ali, portanto, acontecem as operações realizadas pelos sujeitos sociais no cenário do acontecimento e que caracterizam os diferentes tipos de acontecimentos a serem cobertos pela mídia, como um evento agendado, o desenrolar de um conflito entre pessoas ou grupos, uma tragédia, etc. Nem todos os acontecimentos considerados importantes pelos sujeitos dos acontecimentos são assim considerados pela instituição midiática, porém a presença dos agentes midiáticos num acontecimento conduz a que as cenas se organizem de forma a facilitar a sua midiatização e influir no discurso que se materializa na reportagem. Nesse espaço do mundo da vida os agentes protagonistas dos acontecimentos vão acumulando experiência na sua relação com os agentes midiáticos, o que, por um lado, facilita o trabalho de cobertura, mas, por outro, visa a influenciar os produtores das reportagens. Esse espaço é destacadamente visibilizado, ainda que fragmentado, por meio das imagens externas nas reportagens.

O “espaço-percurso” também se localiza no cenário dos acontecimentos e nele operam principalmente os agentes midiáticos, que manifestam um ponto de vista, segundo uma cronologia, uma geografia e um ritmo. É onde os agentes midiáticos manifestam a proposta de um olhar que deseja orientar o olhar dos telespectadores. É



nesse espaço que é proposta ao telespectador uma viagem para o interior do lugar do evento. O papel do operador de câmera é localizar aquilo possui potencial, segundo ele, para integrar o material que será mostrado, deixando de lado o que não possui a mesma força. Nesse espaço os agentes midiáticos recolhem e constroem os primeiros materiais para compor a reportagem. O repórter, nesses momentos, produz o seu primeiro texto para a gravação do “boletim”, relatando o evento com base em informações que possuía anteriormente e daquelas que obteve a partir dos contatos com os sujeitos em *off* no local. Em reportagens mais longas são encontrados mais do que uma “passagem” ou “boletim”. Em acontecimentos de característica agonística é muito comum, os protagonistas do acontecimento, influir na ação dos agentes midiáticos.

O terceiro *topos* é o “espaço-mediação”, onde acontecem as operações mediadoras de edição e enunciação; neste lugar o material gravado é transformado em produto para ser veiculado. São os agentes da instituição que operam textos e imagens na edição e na emissão, aproximando a recepção ao acontecimento. O apresentador cumpre a função de mediador, chamando a atenção para as cenas e situando o acontecimento no espaço e no tempo. Nesse espaço mediador entre o mundo vivido e o mundo mostrado (produto) se dá a construção da reportagem propriamente dita. Na edição do material encontra-se em destaque o texto, que apresenta uma narrativa do evento, mediado pela instituição. O texto é constituído, normalmente, pelas sonoras, ou seja, as vozes captadas no “espaço-mundo” e o material de arquivo, ou, ainda, outras gravações realizadas para responder a demandas suscitadas no evento; o “boletim”, também gravado pelo repórter no local do evento e, principalmente, pelo texto narrativo, introduzido em *off* no momento da edição. O texto narrativo é geralmente introduzido pelo mesmo repórter que foi a campo, o qual facilita a compreensão do evento pelo telespectador, pois possibilita a sua localização no tempo e no espaço. Em relação à seleção das imagens que vão compor o material para o telejornal, o primeiro critério para integrar o material é a qualidade e o conteúdo das mesmas. As imagens com participação dos sujeitos na voz e outras que sejam consideradas boas são as vezes colocadas numa seqüência que contribua com a lógica do texto que as acompanha, mas também é muito comum ver o texto construído a partir das imagens disponíveis.

Na enunciação da reportagem no telejornal ocorrem ainda, diversas operações que podem modificar, em grande medida, o significado de uma reportagem. Um tipo de operação se dá por meio das “escaladas” no início do telejornal e dos “ganchos” entre os blocos que o compõe, operações que visam anunciar a reportagem, uma espécie de



aviso para que o telespectador a aguarde. A forma como essa “escalada” e os “ganchos” são construídos e anunciados também carrega os sentidos construídos. Outro tipo de operação acontece no início da reportagem, com a “cabeça” da matéria, que guia o telespectador para o sentido que a instituição midiática deseja passar. No final da matéria, em algumas há ainda um “fechamento”, no qual, freqüentemente, acontecem diálogos entre os apresentadores (âncoras) dos telejornais visando reforçar alguns sentidos veiculados. Outra operação que ocorre freqüentemente é a participação do repórter ao vivo, pelo telefone, isso quando há um evento em andamento no momento do telejornal e não existem condições de fazer chegar o material para a produção de uma reportagem.

Entretanto, é nos bastidores da produção que se encontra o “espaço-canal”. Ali se dá o comando de todo o processo pelos responsáveis, o que é feito segundo as intenções, os motivos, os princípios, as crenças e os valores em jogo. É ali que os dispositivos televisivo e telejornalístico são pensados e planejadas as estratégias de ação. Fouquier e Verón (1985) dizem que nesse espaço não atuam mais os atores, mas, sim, os autores da construção. Trata-se do espaço da organização institucional/empresarial, que, possuindo seus interesses, seus vínculos econômicos, políticos, sociais, culturais e ideológicos, toma as decisões em favor da realização dos seus objetivos e metas. Cada instituição possui em sua organização midiática uma hierarquia, um organograma de cargos, funções e responsabilidades para dar conta da produção e veiculação dos produtos midiáticos, que são a razão de ser de uma instituição deste tipo.

Em todos os espaços operam agentes midiáticos. No “espaço-mundo” eles se encontram em interação com os sujeitos do acontecimento, ao passo que no “espaço-percurso” acontece principalmente com aqueles que emprestam a sua imagem e sua voz para a gravação das sonoras. Nos outros dois espaços onde a instituição midiática opera em rede desaparece a interação com os sujeitos dos acontecimentos. No “espaço-mediação”, onde ocorrem as escolhas dos fragmentos do mundo vivido para integrar o produto do telejornalismo a ser mostrado, os agentes da edição operam não mais sob a influência direta dos sujeitos do acontecimento, mas sim com a interferência direta do “espaço-canal”, por ser o momento da adequação dos textos que narram o acontecimento à orientação institucional, ao telejornal, ao lugar dentro dele e ao espaço de tempo destinado. Sobre essa parte da produção há um controle maior do “espaço-canal”.



Há uma diferença das operações de cobertura quando realizadas pelos profissionais da comunicação em tempo distinto ao do acontecimento, daquelas em que a equipe de reportagem está presente no momento em que o acontecimento está desenrolando-se. O segundo tipo é muito comum quando se trata da cobertura de ações realizadas por movimentos sociais ou quando da sua repressão (o que é muito mais comum).

## 2. A produção em rede (hiperdispositivo)

Nos estudos sobre o telejornalismo predominou até pouco tempo a compreensão dos processos produtivos da notícia a partir da teoria do *newsmaking*, que não dá conta de compreender os processos mais complexos como aqueles que ocorrem na produção do telejornalismo em rede. A teoria do dispositivo, segundo o nosso entendimento possui um potencial maior de explicação do telejornalismo produzido em rede. Hoje, a maior parte das emissoras de televisão integram redes e produzem seu telejornalismo para ser veiculado no local, mas também, reproduzido com outros agentes para ser lançado nos espaços da rede visando alcançar um número maior de telespectadores.

Com o advento das redes de microondas e dos satélites artificiais, diversos grupos de mídia passaram a investir na interligação de suas instituições. Esse processo deu-se no Brasil, especialmente na televisão, a partir do final da década de 1960. Vimos surgir inúmeras redes de televisão que se distribuem e concorrem em diferentes espaços do território brasileiro. Existem redes que agregam emissoras de outros concessionários, como a Rede Globo, mas outras que somente integram em sua rede emissoras de sua propriedade, do que é exemplo a Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV).

A rede da RBS TV materializa-se, por um lado, a partir de um centro de produção, enunciação e controle, denominado “cabeça-de-rede”, que tem ligada a si uma série de outros pontos periféricos, denominados de “afiliadas”. Trata-se de uma rede na lógica do aparelhamento ou da filiação, cujas pontas cumprem o que o centro do poder define. Por outro lado, a rede constitui-se por um padrão técnico do fazer telejornalismo, havendo um sistema de interdependência entre as instituições que privilegia a rede em detrimento das unidades das afiliadas. Quando a cobertura de algum acontecimento é de interesse da instituição cabeça-de-rede, ela coordena a ação

dos agentes midiáticos das afiliadas, determinando as operações que devem ser realizadas para que o material possa ser inserido no momento da edição dos produtos. Ao contrário, se a produção se destina para veiculação regional/local, cada afiliada da RBS TV organiza a sua forma de produzir. É evidente que as operações exigidas pela rede aos poucos vão se tornando rotineiras entre as equipes das afiliadas.

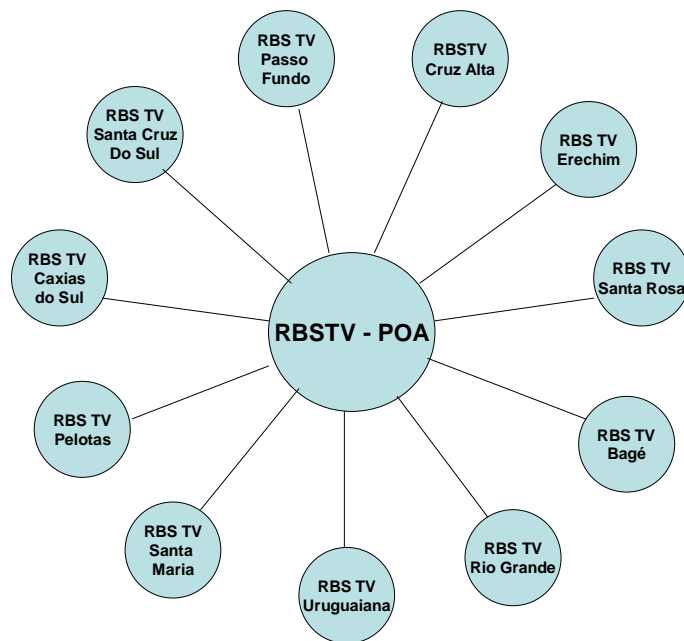


Figura 1– As emissoras de televisão da RBS no Rio Grande do Sul

Ao introduzir a questão da rede no nosso objeto de estudo, buscamos compreender as suas especificidades no processo de produção do telejornalismo. O funcionamento da televisão em rede tanto na produção quanto na enunciação dos seus noticiários, segundo o nosso entendimento, consiste numa série de operações no dispositivo que a distinguem de uma emissora que funciona de forma autônoma e independente.

Que operações ocorrem na produção de uma reportagem em rede e como são construídos os produtos do telejornalismo?

Uma das especificidades da rede está na ampliação dos espaços, tanto de produção como de veiculação. Quando participam duas ou mais instituições na





cobertura e produção do material para uma reportagem, ocorre uma duplicação ou, mesmo, triplicação de alguns espaços de produção citados acima, nos quais atuam vários agentes midiáticos, em várias equipes, em diferentes regiões do estado.

Na tese de doutoramento (KLEIN, 2008) denominamos o dispositivo telejornalístico em rede de “hiperdispositivo”. Entendemos que as operações não estão mais somente sob o controle dos operadores, os jornalistas e repórteres, mas sim de um complexo dispositivo onde operam outros sujeitos, em diferentes espaços e estão implicadas diversas dimensões, com destaque para a dimensão técnico-tecnológica. O percurso complexificado dos textos e imagens no hiperdispositivo de rede interfere nos seus sentidos.

Nos primeiros espaços denominados de “mundo” e “percurso” a presença da rede, pelo seu alcance, potencializa a ação dos sujeitos, tanto do acontecimento, como da equipe que vai a campo para produzir o material. Em relação a equipe a influência mais direta, seja talvez, o fato de a matéria ser ou não ser pautada pela rede. De resto ela não interfere diretamente nos rumos dos acontecimentos e nem na qualidade do processo.

Nos demais espaços, o fato de um material telejornalístico passar a circular no processo de produção em rede modifica muito o resultado final do mesmo. Nas reportagens do telejornalismo produzido em rede é muito comum encontrar o envolvimento de mais de uma emissora e, portanto, mais de uma equipe cobrindo eventos em regiões diferentes para uma mesma reportagem. No processo de produção das reportagens em uma rede de televisão, o “espaço-mediação” amplia-se, pois interagem os agentes de duas ou mais instituições da rede no processo de edição e enunciação. O material produzido em rede pode contar com a participação de diversas instituições no processo, porém no processo de edição, normalmente, duas delas interferem mais diretamente. A instituição central, que denominamos de “cabeça-de-rede”, participa em todas elas, pois é ali que o programa é gerado e onde se localizam o editor do programa e a coordenação do jornalismo da rede. Todavia, é comum que o material seja editado por uma das emissoras do interior que participou da coleta, numa prática de descentralização de algumas tarefas. A edição do material para a rede por uma emissora do interior é orientada, acompanhada e revisada pela direção dos programas. O cuidado principal desse esforço de acompanhamento é dedicado aos



textos, para que estejam adequados à linha editorial do programa e aos interesses institucionais em relação à sociedade e à concorrência no mercado.

### 3. O protagonismo

O protagonismo é um conceito de origem grega, designando o “lutador principal de um torneio”. Com a sua utilização na literatura, mas principalmente nas ciências humanas o termo de protagonista passou a ser utilizado “para os atores que configuram as ações de um movimento social” (Gohn, 2005, p. 9), mas também passou a ser utilizado largamente na sociedade política. O protagonismo é um conceito cujo significado é relacional, na medida em que só pode ser compreendido em relação aos diferentes sujeitos, envolvidos num acontecimento.

O protagonismo social é, para Fernández (1999), “la capacidad de actuación de los grupos sociales para superar sus problemas de pobreza” (1999, p. 341). O autor faz referência à *Poética* de Aristóteles, onde o conceito de protagonismo “está tomado de la teoría dramática” como o drama significando ação transformadora. “Según esta concepción dramática, la pobreza y los males sociales del subdesarrollo constituyen un escenario socio-existencial de adversidad que en tanto es dinámico puede ser transformado” (FERNÁNDEZ, 1999, p. 341). Além disso, a concepção do conflito dramático destaca o papel do protagonista em ação na transformação da condição socioexistencial.

O protagonismo que nos interessa neste estudo é aquele que acontece no processo de produção do telejornalismo.

A relação entre a mídia e a sociedade civil, nos últimos tempos, tem sido conflitiva, principalmente em razão das divergências político-ideológicas existentes.

O protagonismo no telejornalismo depende em parte, também, do protagonismo social dos diferentes grupos. Assim, um grupo social com um protagonismo insuficiente terá mais dificuldade para que seus atos sejam midiaticizados. Correia diz que eles terão de “sintonizar com os valores-notícia vigentes no sistema mediático” (2004, p. 206) para que sejam pautados pela mídia. A outra questão que o autor apresenta é que os movimentos sociais, geralmente, realizam ações coletivas, o que tende



a ser minimizado em detrimento das ações que podem ser relatadas como uma estória com princípio, meio e fim, dotada de um protagonista forte. Resulta deste fato que movimentos sociais, os quais geralmente enfatizam assuntos que requerem uma análise e a formulação de uma opinião, tendem a ser marginalizados até disporem de protagonistas noticiáveis (CORREIA, 2004, p. 207).

Ao estabelecer a relação entre telejornalismo e movimento social, a linguagem passa a ser outro fator importante para se compreender o que ocorre nesta relação. Para uma série de autores, a linguagem, só é entendida nos seus aspectos de dominação. Em Bourdieu, Foucault e na Escola Crítica a linguagem não aparece na perspectiva da resistência. Assim, o “discurso pode ser o lugar da exclusão e do encerramento, a forma que os poderes tomam para interdizerem e excluírem. Porém, a linguagem surge-nos, ela própria, como o lugar do interesse humano numa sociedade que alargue a livre comunicação” (CORREIA, 2004, p. 31). Seguindo esta reflexão, o autor refere-se ao iluminismo, no qual a linguagem deixou de ser originária de um único lugar; agora, ela surge a partir da multiplicação das vozes, visto que não mais se permite a uma linguagem o caráter de reprodução da dominação. Nesse sentido, “se o poder vem de todo o lado, ele não é idêntico nem igualmente perigoso. A linguagem não é apenas espaço de dominação ou de normatização com vista ao equilíbrio do sistema” (CORREIA, 2004, p. 32).

Para Martin-Barbero (2004), acontece a protagonização de um tipo de atores no social e de outro tipo de atores na tela da televisão, ou seja, nos eventos protagonizam diferentes atores sociais, ao passo que na tela quem protagoniza são os comunicadores. O dispositivo midiático exerce uma mediação significativa entre a ação que se dá no social e aquela que é levada para a tela da televisão. Nesse processo acontece a ressemantização do evento e de seus significados. Para o autor, com a diminuição dos espaços de expressão na sociedade, a televisão e outras mídias acabam por realizar a difusão do que se passa, ou, pelo menos, uma representação do que se passa na sociedade. Estamos diante de uma nova forma de cidadania, ou seja, ser midiaticado significa ter a possibilidade de ser visto e ouvido (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 35). Nesse sentido, muitas ações na sociedade são protagonizadas para se adequar à midiaticação, porém isso não é suficiente para que tenham seu lugar garantido na mídia.



#### 4. Hipóteses

Na pesquisa em andamento uma das variáveis de comparação entre a reportagem local e aquela produzida e veiculada em rede é o protagonismo dos diferentes sujeitos que dela participam. Para esta análise interessa especialmente uma das reportagens da amostra em que o sujeito social é o Movimento dos Sem Terra (MST), que nos últimos anos protagonizou muitas ações na perspectiva da Reforma Agrária, amplamente midiaticizadas.

Entendemos que em toda reportagem participam múltiplos sujeitos que através do seu poder, sua voz (polifonia) e imagens participam do processo produtivo do telejornalismo na rede. Vislumbramos a existência de três sujeitos principais: as empresas, os jornalistas e as fontes. Os sujeitos midiáticos implicados, as empresas e os jornalistas são predominantemente coletivos e operam coletivamente na rede, enquanto que as fontes são prioritariamente abordadas de forma individualizada. Porém, no caso da cobertura do MST, há uma mudança, ou seja, a fonte protagoniza coletivamente e se nega a ser abordada individualmente.

Olhando para os espaços de produção do telejornalismo temos a hipótese de que quando o sujeito social (fonte) é coletivo há uma possibilidade maior de influir na construção da notícia nos espaços “mundo” e “percurso”. Por outro lado, a individualização do sujeito social aumenta o poder dos jornalistas e empresas na reportagem.

A outra hipótese é que esse poder não é tão destacado quando se trata de produção local para a midiaticização local. No espaço local as fontes podem ser consideradas com mais força em relação aos jornalistas e a empresa, o mesmo acontecendo por parte dos jornalistas em relação à empresa. Podemos dizer que no local há um equilíbrio maior na relação de força entre os sujeitos.

Porém, quando a construção se dá no processo da rede, aumenta o peso da empresa (espaço-canal), diminui a força dos jornalistas, especialmente os do interior, e muitas vezes, desaparece a força de fontes não articuladas, permanecendo, especialmente em imagens algum protagonismo dos grupos sociais mais articulados.

Apesar da possibilidade de protagonização dos sujeitos sociais no telejornalismo, eles não escapam de caracterizações negativas e estereotipadas que são muito comuns nas produções jornalísticas em rede. O protagonismo dos jornalistas



também diminui, pois sacrifica-se a sua produção, para adequá-la aos interesses da empresa (tempo, audiência e outros critérios do negócio).

### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CORREIA, João Carlos. *Comunicação e cidadania: Os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas*. Lisboa: Horizontes, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005

FERNÁNDEZ, Valério Fuenzalida. Televisão – Gêneros televisivos e cultura do protagonismo. In: SUNKEL, Guillermo (Coord.). *El consumo cultural em América Latina – Construcción teórica y líneas de investigación*. Santafé de Bogotá – Colômbia: Andrés Bello. 1999. p. 339-370.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

FOQUIER, Eric e VERÓN, Eliseo. Les spectacles scientifiques télévisés – Figure de la production e de la réception. Paris: La documentation Française (Ministère de la Culture). 1985.

GOHN, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. São Paulo: Cortez, 2005

KLEIN, Otavio José. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos mediáticos. Covilhã: Portugal, Revista UBI. n. 1. 2007.

KLEIN, Otavio José. **A midiatização no telejornalismo em rede: as reportagens da Rede Brasil Sul de Televisão sobre os indígenas caingangues no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Razón técnica y razón política: espacios e tiempos no pensados. *Revista Latinoamericana de Ciências de la Comunicación*, Bogotá, ano I, n.1 –p. 22-37, jul./dic, 2004.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003